

Igreja de Santa Efigênia, 1772
Ouro Preto, MG



Poemas



MURILO MENDES

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

O poeta Murilo Mendes nasceu em Juiz de Fora (MG), em 13 de maio de 1901, e faleceu em Lisboa (Portugal), em 15 de agosto de 1975. Algumas obras: *Poemas* (1930), *Tempo e eternidade* (com Jorge de Lima, 1935), *As metamorfoses* (1944), *Mundo enigma* (1945), *Contemplação de Ouro Preto* (1954), *Poliedro* (1974), *Ipotesi* (ed. italiana, 1978).

Quinze de novembro

- Deodoro todo nos trinquês
bate na porta de Dão Pedro Segundo.
- Seu imperadô, dê o fora
que nós queremos tomar conta desta bugiganga.
Mandê vir os músicos.
O imperador bocejando responde
- Pois não meus filhos não se vexem
me deixem calçar as chinelas
podem entrar à vontade:
só peço que não me bulam nas obras completas de Vítor Hugo.

Cartão postal

Domingo no jardim público pensativo.
Consciências corando ao sol nos bancos,
bebês arquivados em carrinhos alemães
esperam pacientemente o dia em que poderão ler o Guarani.

Passam braços e seios com um jeitão
que se Lenine visse não fazia o Soviete.
Marinheiros americanos bêbedos
fazem pipi na estátua de Barroso,
portugueses de bigode e corrente de relógio
abocanham mulatas.

O sol afunda-se no ocaso
como a cabeça daquela menina sardenta,
na almofada de ramagens bordadas por Dona Cocota Pereira.

O menino sem passado

Monstros complicados
não povoaram meus sonhos de criança
porque o saci-pererê não fazia mal a ninguém
limitando-se moleque a dançar maxixes desenfreados
no mundo das garotas de madeira
que meu tio habilidoso fazia para mim.

A mãe-d'água só se preocupava
em tomar banhos asseadíssima
na piscina do sítio que não tinha chuveiro.

De noite eu ia no fundo do quintal
pra ver se aparecia um gigante com trezentos anos
que ia me levar dentro dum surrão,
mas não acreditava nada.

Fiquei sem tradição sem costumes nem lendas
estou diante do mundo
deitado na rede mole
que todos os países embalam.

Noturno resumido

A noite suspende na bruta mão
que trabalhou no circo das idades anteriores
as casas que o pessoal dorme comportadinho
atravessado na cama
comprada no turco a prestações.

A lua e os manifestos de arte moderna
brigam no poema em branco.

A vizinha sestrosa da janela em frente
tem na vida um camarada
que se atirou dum quinto andar.
Todos têm a vidinha deles.

As namoradas não namoram mais
porque nós agora somos civilizados,
andamos no automóvel gostoso pensando no cubismo.

A noite é uma soma de sambas
que eu ando ouvindo há muitos anos.

O tinteiro caindo me suja os dedos
e me aborrece tanto
que não posso escrever a obra-prima
que todos esperam do meu talento.

Xodó

O Cruzeiro do Sul não tira o pé do lugar
enquanto os dois namorados não descolam do portão.
As formas futuras esperam pacientemente no fundo dos corpos
porque eles evoluem em sentido vertical
misturando os cabelos e as respirações.

O cheiro dos jasmims bate no nariz dos dois cutuba
mas eles não sentem nada
e ficam ali a noite inteira bobos ao ar livre matutando.

Biografia do músico

O guri nasceu no morro aniquilado de sambas
bebeu leite condensado
soltou papagaio de tarde
aprendeu o nome de todos os donatários de capitania
esgotou os criouléus da Cidade Nova
bocejou anos e anos no Conservatório
não tirou medalha de ouro
coitado
porque não tinha pistolão
mais um astro que desponta no horizonte da arte nacional
botou sapato camuflagem terno de xadrez
casou com a filha do vendeiro da esquina
que parecia com Carlos Gomes
fez diversas músicas imitando o gorjeio dos pássaros
morreu vítima de pertinaz moléstia
que zombou dos recursos da ciência
ao enterro compareceram pessoas de destaque
citando palmas com sentidas dedicatórias
chegando no céu os anjinhos de calça larga e gravata borboleta
deram um concerto de ocarina onde figurava a oitava nota
e ele desmaiou de comoção.

Marinha

A esquadra não pôde seguir pros exercícios
porque estava nas vésperas do carnaval.
Os marinheiros caíram no parati
e nos braços roliços e cheirosos
de todas as mulatas que têm aí pela cidade.

A esquadra tornou a não poder seguir
porque era depois do carnaval,
a turma se sentia mal depois do carnaval.
Dava uma preguiça tamanha na guarnição
que o almirante resolveu não fazer nada.

Depois de muita mangação a esquadra foi-se embora
com bandeirinhas, dobrados pacholas tocando no cais,
mas o pessoal caiu de repente no maxixe,
O Minas e o São Paulo pararam no alto mar,
deu cerração, foi a conta, a esquadra voltou.

O embaixador inglês foi ao palácio do governo,
engasgou, falou na aliança dos dois países amigos,
acabou oferecendo dois mil contos pela esquadra.
O governo aceitou, mandou mil pros órfãos turcos,
com o restante deu um bruto baile depois caiu na vadiagem.

Família russa no Brasil

O Soviete deu nisto,
seu Naum largou de Odessa numa chispada,
abriu vendinha em Botafogo,
logo no bairro chique.

Veio com a mulher e duas filhas,
uma delas é boa posta de carne,
a outra é garotinha mas já promete.

No fim de um ano seu Naum progrediu,
já sabe que tem Rui Barbosa, Mangue, Lampião.

Joga no bicho todo o dia, está ajuntando pro carnaval,
depois do almoço anda às turras com a mulher.

As filhas dele instalaram-se na vida nacional.
Sabem dançar o maxixe
conversam com os sargentos em bom brasileiro.

Chega de tarde a aguardente acabou,
os fregueses somem, seu Naum cai na moleza.
Nos sábados todo janota ele vai pro criouléu.
Seu Naum inda é capaz de chegar a senador.

Endereço das cinco Marias

Sou o tipo acabado do sujeito
que não arranja nada nesta vida.

Gosto de cinco Marias nesta vida.

A primeira tinha uma pinta na cara,
eu adorava aquela pinta.
Maria do Rosário jurava pela alma da mãe dela
que só havia de casar comigo.
Um belo dia apareceu um tenente
que usava polainas e dançava com muito garbo.
Foi a conta:
ela fugiu pra São Paulo com o tenente
e me deixou na mão.

A segunda,
Maria do Carmo,

era uma pequena dos bons tempos
que a gente conversava no portão de noite,
romântica de olhos pretos não gostava de bailes.
Aquela sim,
mas apanhou um resfriado de tanto conversar comigo no portão
e bateu a bota.

Lá está num cemitério em Belorizonte
Onde tem muita paisagem.

As três Marias restantes estão no céu.

Perspectiva da sala de jantar

A filha do modesto funcionário público
dá um bruto interesse à natureza morta
da sala pobre no subúrbio.
O vestido amarelo de organdi
distribui cheiros apetitosos de carne morena
saindo do banho com sabonete barato.

O ambiente parado esperava mesmo aquela vibração:
papel ordinário representando florestas com tigres,
uma Ceia onde os personagens não comem nada,
a mesa com a toalha furada
a folhinha que a dona da casa segue o conselho
e o piano que eles não têm sala de visitas.

A menina olha longamente pro corpo dela
como se ele hoje estivesse diferente,
depois senta-se ao piano comprado a prestações

e o cachorro malandro do vizinho
toma nota dos sons com atenção.

A sesta

O sol bate em chapa nas casas antigas.
O mar embalança,
rede mole sem corpo de mulata,
verde azul lilás verde outra vez.
As praias espreguiçam-se malandras,
é a hora das linhas repousantes.

A buzina distante dum automóvel
chega até aqui com um som de lundu.
Um mulatinho magro com o desenho certo
chupa um pirulito devagarinho.
Dentro das casas pensativas
as meninas caem na madorna.

A música das serrarias aumenta a sonolência...
Os comerciantes torcem pra nenhum freguês entrar.

Casamento

O violão entrou pela balalaica adentro
eta palavra difícil!
e saiu uma ninhada de sons povoando a floresta da noite,
pulando mexendo nos corpos brancos e morenos.
As cores se misturam
a foice e o martelo furam a Ordem e Progresso,
Lampião e Lenine calçados de botas vermelhas
tiram o sangue do mundo e voam no caminho dos astros.

O povo deixa a revolução no meio
e toca a dançar o maxixe,
carnes morenas se esfregando pra darem poetas e operários,
dança minha gente, no criouléu, na planície, na usina e no dancingue,
que a música é gostosa, todas as mulheres saem pra rua
e os homens vão bancar o estivador pras pequenas terem vestido de
seda.

Ninguém tem a cabeça no lugar.
Malazarte pegou numa tesoura e cortou o passado em mil pedaços,
o índio, o português, o africano deram o fora
mas os tártaros ainda perturbam o sono das crianças mineiras
e o poeta tem a metade do corpo enfiada na noite do Brasil e da
Rússia
porque as cabeças do poeta e dos brasileiros pertencem ao
pensamento de Deus.

Sonata sem luar, quase uma fantasia

Das cinco regiões onde navios angulosos
sangram nos portos da loucura
vieram meninas morenas,
pancadões, com os seios empinados gritando
Mamãe eu quero um noivo!

Os cemitérios do ar esquentam
com o fogo saído dos sonhos da vizinha
rebolando no nariz do poeta dia e noite,
as cordas do sangue estalam.

Não pode, não pode!
É o homem que trabalha enquanto os vegetais sonham,
o mar se espreguiça,

os minerais dormem a vida inteira.
Níquel de luz.
As estrelas torram o serviço,
ninguém sabe se é o céu ou o peito duma negra.
Cadê o luar?
Gato comeu.
Greve da inteligência
e um grito deste tamanho, do homem
tentando romper os moldes do previsto.
Acabou o amor,
cadê a lógica, a resignação?
Gato comeu.

Lá onde acaba a ação, a vida curva
e o abandono começa.
Os cheiros da terra sumiram,
cemitério, fogos fátuos, coração vazio,
as cordas da vontade estalam.
Além das fronteiras do espírito, mais além!
O olho fixo do demônio determina a paisagem.

Eu não te disse
que tu não ias pro amor, a luta, o esporte.
Adeus meus lindos conhecimentos,
adeus realidade, minha secretária.
Venham a mim, diabos, almas penadas,
venham, me arrastem!

Vida dos demônios

Demônios grandes
trabalham na planície, nas montanhas,

nos arranha-céus,
constroem o trabalho dos homens,
agitam o mar,
armam a mão dos padres e operários,
ajuntam imagens e reflexos na cabeça dos poetas;
despem as mulheres no mundo.
Os demônios vêm e vão
na terra, na água, no fogo, no ar.

Demônios de todas as cores, de outras cores que a gente não vê
movem os astros, balançam na consciência da terra.

Eles vão e vêm, sobem, descem,
debruçam-se nos olhos da gente,
no bico da minha pena.
Mundo, campo de experiência dos demônios.
Os demônios sitiam o plano inefável
onde Deus pensa a harmonia do mundo.

A Virgem Maria toda branca e fria
atravessa no caminho,
eles caem no tempo.

A luta

(Cantos virginais do mundo,
planos da inocência,
frêmito de amor puro.)

A vida asfixiou meus cantos de inocência,
sou da noite, da assombração
e dos ritmos desesperados.

Tardes calmas, vida lânguida nas varandas cariocas
olhando o mar, nunca mais.
Nunca mais vibrarão cantos de noivas nos meus terraços,
nem vestidos suspensos lembrarão a forma da coisa amada,
nem eu dançarei.
Nem olharei pras rosas nem me banharei na luz das madrugada.

Sou a luta entre um homem acabado
e outro homem que está andando no ar.

Serão

A sombra; e a noite do século passado,
gemendo; e a lança no flanco do mártir;
e a implacável mão da humanidade
pensando sobre o dorso da estátua...
Violência!
Rosas de fogo ardendo no céu plano!
E os cactos da violência, e a sombra
dos desertos futuros, e o magnetismo
dos olhares guardados através de gerações...

A bola noturna do mundo
roda no deserto da memória de Deus.
A árvore vermelha coberta de noivos
e de assassinos
estende a sombra até ainda o século futuro.
Estende a sombra
para lá da memória e das vontades pensantes,
sem o som das aves idiotas,
até que se possa ouvir um dia
as notas do último clarim.

Vida de mármore

A estátua muda a camisa na praça deserta.
Arcanjos violentos surgem do fundo dos minutos,
carregam tua vontade para o outro lado do mundo
Amor preguiça deserto revolução amor,
tudo passa tudo se reduz a eternidade de olhares,
tudo passa menos a memória da bem-amada.

Tudo se reduz a eternidade de contatos.
O amor passa menos a memória da bem-amada.
Meus pensamentos eternos ficaram à superfície do teu corpo.
Toda a realidade do mundo é provisória, o mundo é provisório.
Tudo se reduz a eternidade de preguiça e de olhares.
A estátua mudou de camisa e se acalma na praça deserta.

Alegoria

Sombras movendo o sonho
onde uma densa cabeleira cheirosa
aparece entre dois raios de pensamento
no quarto pendurado na terra morena;
de repente desloca-se a bruta massa do corpo dum santo, estátua me
invocando,
e um diabo verde me levando pro aniquilamento.
Nos jardins claros
gramados geométricos
a árvore dum vestido amarelo deixando adivinhar a forma
que nenhum sovaco úmido complica no gesto de apanhar uma bola,
um resto de som de seresta
agarra-se nas orelhas do cavalo mecânico
que rompe o espaço,

lá vai até o oco do mundo onde as mesmas mulheres deste lado
afagam o seio pensando no cavaleiro amado,
doce meditação debaixo das lâmpadas elétricas
sentindo a aproximação dos cheiros e dos sons do carnaval,
convidando ao sono
numa cama que mal dá pra um homem de estatura mediana.

Limites da razão

I

Atrás do meu pensamento
os demônios destroem as meninas que eu gostei,
fazem com o movimento e o espírito delas
um samba pros outros dançarem.

2

O manequim vermelho do espaço
que de noite eu levanto a mão para tocar
chega perto de mim
tem um ritmo próprio
um andar quase humano.
Já vi há muitos anos numa cidade do interior
uma professora inglesa que andava assim.
De tanto as costureiras do ateliê de Dona Laura
se esfregarem no manequim de tarde
ele já quer sair das camadas primitivas
daqui a mil anos será uma grande dançarina
dançará sobre minha cova diante do cartaz dos astros
quando eu mesmo dançar minha vida realizada
rio terraço dos astros.

3

Alongamento:
tudo foge na hora extrema
banhado na neblina da agonia
as constelações me abrem a porta
e montado no cavalo mecânico do gênio do tempo
atinjo a região proibida aos humanos,
mas nunca poderei ser totalmente outro.
Alguma coisa me fica do mundo antigo.
Desenvolvo-me em planos harmoniosos
distingo a iluminação dos pensamentos,
amparado pelas formas que moram no espaço
realizo a perfeição da minha unidade
penetro a vida das cores novas, dos sons definitivos
e enlaço a forma do amor
vivendo pra sempre dentro de mim.

Ritmos alternados

Um cheiro de angélicas
brota dos cemitérios do espaço.
Noite, cruzeiros no mundo, as idades voltam, não sei onde estou.
Os relâmpagos iluminam os corpos flexíveis no outro mundo, o som
do saxofone dos anjos previne o tempo, as famílias tremem
dentro das casas,
a terra molhada explode em formas novas, é o princípio e o fim.
Homens e mulheres
se arrependem de não ter realizado
todo o amor,
chegam mais perto uns dos outros... o gosto
da noite me leva aos teus seios.

Evocações simultâneas

A noite curva...
Seios pendurados nas janelas da terra
Uma larga mão vermelha
me chama em alguma parte.
Mensagem do tato dum espírito do ar,
cheiro das namoradas, noite curva.
Minha cabeça levanta-se acima do abismo e do pensamento,
o espírito do ano de 1917 revive em mim.
Dêem lugar aos mortos, nivelados no tempo...
Relâmpagos, me abracem no quarto nupcial que é um túmulo,
o olho da morta é um seio, a asa do vento desligou-se da noite,
entrou em mim e desanda a bater. Abismos,
pontes da noite, estrelas escarlates vagamente entrevistas
num delírio perpendicular ao sonho, existo somente
pras sombras acima de mim e da miragem da morte,
sono das imagens... cortam-me a cabeça.

Vertigem

Venho do ar, da multiplicação de sombras,
cheiros se cruzando.
A noite se espreguiça elástica, em todos os pontos da terra
movem-se desejos,
uma outra vida transparece no azul, danças.
Coros de meninas de quinze anos em igrejas do interior,
namorados pressentindo o aviso dos sentidos,
um morto cruzou o espaço, treme o céu, a lua
penteia os cabelos, todas as coisas se comunicam,
as crianças chegam mais perto do seio materno,

os chefes de família vêm no espaço a projeção da vida deles.
Ritmos lânguidos, cadeiras de balanço, tudo no seu lugar...
Eu intervenho, chego da viagem nas almas,
tonto, vários planos me invocam, estou em relação
com as estátuas andando na terra,
mulheres que voltam pra trás sentindo o meu olhar,
um barulho vem do fundo da terra, estrelas caindo,
vidas rodando, os sete arcanjos tardam, estou vendo
minha vida pra trás e eu balançando na asa do vento.
Me socorram, me levem pra outro mundo
onde as mulheres sejam tão bonitas como aqui
e o desânimo ainda maior.

Atmosfera desesperada

Uma escada lateral por onde as formas descem,
os sonhos sobem, vidas
entrevistas num relâmpago... Noite
molhada, noite de fim do dilúvio, mundo suspenso,
luz difusa de astros que mal aparecem num
ângulo do céu,
vertigem. Há qualquer
coisa esperando no ar, pressentimento de outras
distâncias, realidades paralelas a esta,
espíritos puros nascendo, o amor
aproximando as formas. O mar
balança, desligado da praia, cabeça cortada.
Mundo iluminado a gás, curvas do pensamento,
nós somos outros. Alguém
está andando dentro de mim, me segurando pelos cabelos,
não sinto mais o meu peso,
me perdi...

O mundo inimigo

O cavalo mecânico arrebatava o manequim pensativo
que invade a sombra das casas no espaço elástico.
Ao sinal do sonho a vida move direitinho as estátuas
que retomam seu lugar na série do planeta.
Os homens largam a ação na paisagem elementar
e invocam os pesadelos de mármore na beira do infinito.
Os fantasmas vibram mensagens de outra luz nos olhos,
expulsam o sol do espaço e se instalam no mundo.

Canto do desânimo

Dorme, mundo!
Estrela, deita-te a meus pés,
tempo, some da minha memória,
infância, famílias aparvalhadas olhando pra mim,
sumi.

Desaparece, gravura da primeira comunhão,
some, primeiro olhar da namorada,
corpo da prostituta na cidade sibilante,
noite do crime, vida de amor, sombra do santo.

Desaparece,
bruma da criação anterior,
manequim da nebulosa vermelha ardendo no quarto em febre,
vestido e sombra da mulher primitiva me tomando nos braços,
apaga-te, mão de Deus me formando na manhã remota,
som, movimento, vontade, tempo, energia, desaparecei.

Canto do noivo

Eu verei tuas formas crescerem pouco a pouco,
verei tuas formas mudarem a cor, o peso, o ritmo,
teus seios se dilatarem na noite quente,
os olhos se transformarem quando brotar a idéia do primeiro filho.

Assistirei ao desenvolver das tuas idades,
guardando todos os teus movimentos.
Já está na minha memória a menina mãe de bonecas,
depois a que ficava de tarde na janela,
e a que se alterou quando me conheceu,
e a que está perto da união das almas e dos corpos.
As outras virão. Tuas ancas hão de se alargar,
e os seios caídos, o olhar apagado, os cabelos sem brilho
hão de te arrastar pra mais perto do sentido do amor,
ó minha mártir, forma que eu destruí, integrada em mim.

Reflexão e convite

Nós todos estamos na beira da agonia
caminhando sobre pedras angulosas e abismos.
Ninguém ouve o barulho da banda de música
que está ali firme do outro lado do século.

Encontramos o sonho e o pusemos no altar.
Incenso e adoração, culto ardente pra servir.
Saímos dos planos múltiplos do sonho,
não nos integramos na ciência da total realidade.
Vamos colher as flores grandes que crescem nos abismos
e apreciar as explosões de luz de dois universos.

Apressando o passo estaremos do outro lado do século
ouvindo o barulho da banda de música que não pára nunca.

História futura do cravo e da rosa

Puseram sinais semafóricos
Puseram guardas aduaneiros
Na estratosfera.

O Cravo de letra grande
E a Rosa de letra grande
Brigaram uma bela tarde
No aparelho de televisão.
Então uma tempestade
Que desde o instante do FIAT
Se concentrara, esperando,
Lá nas gavetas do céu,
Levou as sementes do Cravo e da Rosa
Para os jardins do caos
Onde eles cresceram
Brincaram de roda
– Papai e mamãe –
Vestidos de rendas,
Sonhando pra sempre.

A pomba da lancha

Quando a rainha Locusta chegar
– Não é mais rainha, é a névoa –
As estrelas formarão a palavra ÓDIO.
Não haverá mais nem um capitalista,

Não haverá mais nem um operário,
Não haverá mais nem uma rosa.
Eu mesma estarei sepultada
Debaixo de pedra e dilúvio.
Em cima das pedras, sozinho,
Um urubu vestido com as cores do arco-íris
Dará milho ao fantasma de Deus.

O filho pródigo

Serenamente? A alma insatisfeita
Viemos cortando as águas tenebrosas,
Impulsionados pelos ventos largos.
Meu pai me espera na varanda amena.
("Digo sim ao meu filho
Que volta para sugar meu sangue,
Acompanhado dos pássaros do meio-dia
Voando entre as arcadas tristes.
Solto na frente a estátua número três.
Se ouvem os clarins das vitrolas.")

E todos me felicitam vivamente.
Tenho uma grande ação a cumprir:
Falta-me coragem...
O peso desta ação a cumprir
Pesa demais sobre mim.
Além disto preciso eliminar
O céu, o inferno, o purgatório.
Serei talhado à imagem e semelhança da pedra.

Girândolas, foguetes, abraços.
Meu irmão:

“Não te comoves ao ver
A cara da tua antiga namorada?”
Então olho de fato pra Maria:
“Ô movimento atual de tuas ancas...”
Nos retratos da sala de espera
Flutuam cabeleiras de amadas dos outros.
Os outros: tios-minerais, primos-cactos...
“Sim! Nunca mais nos veremos,
Ó primas e tias de outrora;
E as que temos agora
Estão na frente de nós,
Não as podemos ver direito.”

Os vizinhos me conduzem até à varanda.
“Meu pai,
Ao mesmo tempo meu filho e meu irmão,
Levei teu nome ao mundo inteiro,
Espalhei teu sangue,
Tomei éter,
Dei teu dinheiro aos sem-trabalho,
Não dormi, para construir as netas que não conheces...
Divulguei a raça do demônio,
O ódio, o mal, a desesperança.
Mas não quero continuar minha tarefa.
Dá tua herança aos urubus,
Joga teus mantimentos
Aos aviadores perdidos nas ilhas;
Enforquem minha namorada!”

Sacudo as asas,
Parto para o empíreo da cozinha.
Não me mato, estou cansado demais.

Tédio na varanda

Hesito entre as ancas da morena
Deslocando a rua,
E o mistério do fim do homem, por exemplo,
Dormir!
As camélias lambem
O sexo de teus lábios.
Os pássaros da vertigem
Bicam estátuas de pano.

O mar fala a língua de p
Enquanto eu não tenho
Pés de vento,
Mãos de metal.

As botas de sete pedras
Comem léguas de aborrecimento.

O poeta assassina a musa

Há dez dias que Clotilde
– Uma das musas queridas –
Anda aborrecendo o poeta.
Aparece carinhosa,
De repente vira as costas,
Diz várias coisas amargas,
Bate impaciente com o pé.
Então o poeta aporrinhado
Joga álcool e atea fogo
Nas vestes da musa.
A musa descabelada

Sai cantando pela rua.
Súbito o corpo grande se estende no chão.

Diversas musas sobressalentes
Desandam a entoar meus cânticos de dor.
Clotilde ressuscitará no terceiro dia,
Clotilde e o poeta farão as pazes.
Música! Bebidas! Venham todos à função.

A visibilidade

Passar ignorado dos homens, das palavras,
Ignorado das águas, do demônio.
Ignorado dos personagens da história,
Ignorado até de Deus,
Até dos pássaros, das pedras.
Mas a luz se desfaz em vaia.
Os demônios mostram os seios em arco
– Arco de sua vitória exclusiva –,
As águas exigem um carinho,
Do contrário te afogarão.
As pedras exigem teu amor
– Vives em cima delas –
Do contrário te apedrejarão,
Apedrejarão
Quem quiser viver no ar.

Mas

As ondas amarguradas
Encostam a cabeça na pedra do cais.
Até as ondas possuem

Uma pedra para descansar a cabeça.
Eu na verdade possuo
Todas as pedras que há no mundo,
Mas não descanso.
As mulheres me dão corda
Mas somem nas alturas.
Eu apalpei aquele seio,
Minhas mãos ficaram boquiabertas.
Aqueles olhos gritaram na minha direção
Mas depois desfaleceram.
O mundo se desfaz em pedra
Na minha direção,
Mas as pedras marcham, não param,
Não poderei descansar.
A poesia é muito grande,
Mas o alfabeto é bem curto
E a preguiça, bem comprida.
O amor é muito grande
Mas não é puro, as mulheres
Toda a hora humilham a gente
Com golpes de olhares,
Com arrancadas de seios...
Mas assim mesmo inda é bom.

Poema no bonde-camelo

Sou firme que nem areia
Em noite de tempestade.

Meu desânimo afinal
Me segura neste mundo.

Estou farto de saber
Que só piso no deserto.

As máquinas aperfeiçoadas
Do cruzamento das raças,
Aeroplanos de braços,
Globos de seios cheirosos
Não deixam o deserto afinal
Ficar tão vazio assim.

Cabeleiras de palmeiras
Morenas vermelhas louras
Se agitam neste deserto.
Água não falta, cerveja,
Uísques e aguardentes
Guardados em odres finos
De cristais bem facetados.
E poemas fazendo lembrar
Que se deve rezar um pouco.

Às vezes a noiva morta
Passa no vento chorando,
Arrisco dois olhos grandes:
É a miragem nossa irmã.

Arte de desamar

Meu amor é disponível,
A qualquer hora ele fecha;
A crise de convicção
É mesmo muito grande.

As pernas do meu amor
Distraem da metafísica,
O corpo do meu amor
Tem a vantagem sublime
De disfarçar o horizonte.

Eu não amo meu amor
Para quê tapeação.
Não amo ninguém no mundo,
Nem eu mesmo, nem me odeio.

Meu amor é uma rede
Onde descanso da vadiação.
Os olhos do meu amor
São bastante distraídos,
Não vêem meu desamor.

Com o porta-seios moderno
Os seios do meu amor
Aparados à la garçonne
Ocupam lugar pequeno
No espaço do seu corpo.

Se meu amor qualquer dia
Me abandonar, ai de mim!
Eu não me suicidarei...
Escreverei mais poemas.

O doente do século

Meu coração vai sangrando,
Se desfazendo aos pedaços,

Mas assim mesmo inda tem
Uns pedacinhos de pedra
Que resistem duramente:
A pedra resiste ao vento
De aridez, que vai passando,
Vem rolando, traiçoeiro,
Dos desertos da cabeça.
O vento insinua então:
“Siga firme para a frente,
Deixe a luz à sua direita,
Tome o rumo de Moscou,
Se inebrie com este coro
Que sai vibrante das máquinas,
Fuzile a palavra amém.”
Mas quem sou eu neste mundo
Pra anular a tradição?
Venham, filhas da esperança,
Me levem na padiola
Para o chalé da ternura,
Acendam-me a luz do amor,
Desenrolem seus cabelos
Sobre o meu corpo, senão
Não terei culpa nenhuma
Se me matar amanhã.

Novíssimo Job

– Eu fui criado à tua imagem e semelhança.
Mas não me deixaste o poder de multiplicar o pão do pobre,
Nem a neta de Madalena para me amar,
O segredo que faz andar o morto e faz o cego ver.

Deixaste-me de ti somente o escárnio que te deram,
Deixaste-me o demônio que te tentou no deserto,
Deixaste-me a fraqueza que sentiste no horto,
E o eco do teu grande grito de abandono:
Por isso serei angustiado e só até a consumação dos meus dias.

Por que não me fizeste morrer pelo gládio de Herodes,
Ou por que não me fizeste morrer no ventre da minha mãe?
Não me liguei ao mundo, nem venci o mundo.
Já me julguei muito antes do teu julgamento.
E já estou salvo porque me deste a poeira por herança.

Até há pouco tempo atrás no meu país
Ninguém sabia que a vida é a luta entre classes
E eu já era, desde cedo, inconformado e triste.
Antes da separação entre os homens
Existe a separação entre o homem e Deus.
É doce te encarar como poeta e amigo,
É duro te encarar como criador e juiz.
Tu me guardas como instrumento de teus desígnios,
Tu és o Grande Inquisidor perante mim.
Por que me queres vivo? Mata-me desde já.
Cria outras almas, outros universos,
Sonda-os, explora-os com tua lente enorme.
Mas faze cessar um instante o meu suplício.

Prefiro o inferno definitivo à dúvida provisória.
Falaste-me pelos teus profetas e pelo Espírito Santo,
Mas a última e essencial palavra está contigo.
Todas as tuas obras dão testemunho de ti,
Mas ninguém sabe o que tu queres de nós.

(Ó Virgem Maria, levanta-te da estrela da manhã
E faze o sinal da cruz sobre minha alma golpeada.)

Tu também não terás teus filhos renegados?
Aqueles que criaste e entregaste ao demônio
Para satisfazer tua cólera e paixão?
Ó Deus, tua justiça é maior que tua misericórdia.
Por que me deixaste assim sem abrigo no mundo?
Por que me deste passado, presente e futuro?
Manda a tempestade de fogo a destruir minha existência.

— *Estou contigo mesmo e não me queres ter
Sou tua herança desde toda a eternidade.*

Meu novo olhar

Meu novo olhar é o de quem já sabe
Que alegria e ventura não permanecem.
Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros
E viu neles a separação entre os homens,
O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o esposo contra a esposa,
As igrejas dinamitadas, depois reconstruídas com maior fervor;
Meu novo olhar é o de quem penetra a massa
E sabe que, depois de ela ter obtido pão e cinema,
Guerreará outra vez para não se entediar.
Meu novo olhar é o de quem observa um casal belo e forte
E sabe que, sozinhos, se amam os dois com nojo.
Meu novo olhar é o de quem lúcido vê a dançarina
Que, para conseguir um movimento gracioso da perna,
Durante anos sacrificou o resto do seu ser.
Meu novo olhar é o de quem adivinha na criança

O futuro doente, o louco, a órfã, a perdida.
Meu novo olhar é o de quem transpõe as musas de passagem
E não se detém mais nas ancas, nas nucas e nas coxas,
Mas se dilata à vista da musa bela e serena,
A que me conduzirá ao amor essencial.
Meu novo olhar é o de quem assistiu à paixão e morte do Amigo.
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus Cristo,
E aquele que mudou a direção do meu olhar;
É o de quem já vê se desenrolar sua própria paixão e morte,
Esperando a integração do seu ser definitivo
Sob o olhar fixo e incompreensível de Deus.

A musa

Estás sozinha desde o princípio,
Foste imaginada na época da formação das pedras.
Um violento temporal lavou a terra antes que nascesses,
E muitas estrelas de perfil se inclinaram sobre teu berço.
Atravessas desertos de areia e mares vermelhos
Sem que sujes teu corpo,
Sem que ninguém penetre tua essência.
Os poetas te sacrificam suas amadas retrospectivas, atuais e futuras.

Tua cabeça triste e serena
Recortada num céu de convulsões desencadeia o mito:
Distribuis ao mesmo tempo consolo e desespero.
Aos olhos do homem és acima do sexo como uma deusa,
Aos olhos da mulher és masculina como um guerreiro.
Anulas o movimento de quem soube te decifrar,
E não te perturbas nem ao menos ante a idéia de Deus.

Epifania

Eu te procurei tal qual os três reis magos
Que caminhavam através de mares e desertos,
Até que um dia uma estrela enviada por ti mesmo
Me trouxe até a tua inefável presença.
Não posso te ofertar o ouro, o incenso e a mirra:
Ofereço-te a minha alma que tu mesmo criaste,
Ofereço-te a minha aridez e o meu pecado.
Ilumina agora e sempre todos os que te procuram
E todos aqueles que acreditam no teu fim.
Angústia e escuridão dominam o homem
Porque tu ainda não deste a volta ao mundo.

Vocação do poeta

Não nasci no começo deste século:
Nasci no plano do eterno,
Nasci de mil vidas superpostas,
Nasci de mil ternuras desdobradas.

Vim para conhecer o mal e o bem
E para separar o mal do bem.
Vim para amar e ser desamado.
Vim para ignorar os grandes e consolar os pequenos.
Não vim para construir minha própria riqueza
Nem para destruir a riqueza dos outros.
Vim para reprimir o choro formidável
Que as gerações anteriores me transmitiram.
Vim para experimentar dúvidas e contradições.

Vim para sofrer as influências do tempo
E para afirmar o princípio eterno de onde vim.
Vim para distribuir inspiração às musas.
Vim para anunciar que a voz dos homens
Abafará a voz da sirene e da máquina,
E que a palavra essencial de Jesus Cristo
Dominará as palavras do patrão e do operário.
Vim para conhecer Deus meu criador, pouco a pouco,
Pois se O visse de repente, sem preparo, morreria.

O poeta e a musa

Vens da eternidade e voltas para a eternidade.
Não tens ódio.
Não tens amor.
Não tens fome nem sede.
Tens o ar frio de quem ultrapassou o mundo sensível e resolve lhe dar um sinal da sua condescendência.
A linha das montanhas, a linha do horizonte e a linha da tua alma se desdobram diante de ti como um anteprojeto da eternidade.
Estás desligada da geração que te trouxe ao mundo.
Anulas meu interesse pelo espetáculo da existência.
Olhas-me serenamente, passas a mão pelos meus cabelos e me chamas de tua grande criança.
Esperas que eu diminua minha humanidade para ficar junto de ti, sem ação, sem impulsos, observando apenas o desenrolar do tempo, o ciclo das estações, o curso dos astros, as cambiantes da cor do céu e do oceano...
Seremos duas estátuas confabulando.
Então os acontecimentos não agirão mais sobre mim.
E eu sobrevoarei a vida física.
E tocarei o espírito da musa.

Salmo n.º I

Meu espírito anseia pela vinda da esposa,
Meu espírito anseia pela glória da Igreja,
Meu espírito anseia pelas núpcias eternas
Com a musa preparada por mil gerações.
Eu hei de me precipitar em Deus como um rio,
Porque não me contenho nos limites do mundo.
Dai-me pão em excesso e eu ficarei triste,
Dai-me luxo, riqueza, ficarei mais triste.
Para quê resolver o problema da máquina
Se minha alma sobrevoa a própria poesia?
Só quero repousar na imensidade de Deus.

Filiação

Eu sou da raça do Eterno.
Fui criado no princípio
E desdobrado em muitas gerações
Através do espaço e do tempo.
Sinto-me acima das bandeiras,
Tropeçando em cabeças de chefes.
Caminho no mar, na terra e no ar.
Eu sou da raça do Eterno,
Do amor que unirá todos os homens:
Vinde a mim, órfãos da poesia,
Choremos sobre o mundo mutilado.

O profeta

A Dante Milano

A Virgem deverá gerar o Filho
Que é seu Pai desde toda a eternidade.
A sombra de Deus se alastrará pelas eras futuras.
O homem caminhará guiado por uma estrela de fogo.
Haverá música para o pobre e açoites para o rico.
Os poetas celebrarão suas relações com o Eterno.
Muitos mecânicos sentirão nostalgia do Egito.
A serpente de asas será desterrada na lua.
A última mulher será igual a Eva.
E o Julgador, arrastando na sua marcha as constelações,
Reverterá todas as coisas ao seu princípio.

Salmo n.º 2

Ó Deus meu e de todos,
Que tenho feito até hoje no mundo,
Senão te invocar para que surjas,
Senão me desesperar porque sou pó?
Dilata minha visão,
Dilata poderosamente minha alma,
Faze-me referir todas as coisas ao teu centro,
Faze-me apreciar formas vis e desprezíveis
Faze-me amar o que não amo.
Tudo o que criaste no universo
É a divisão de uma vasta unidade
Em espaços e épocas diferentes.
Liga-me a todas as coisas em ti
E ilumina-nos fora do tempo, a todos nós
Que esperamos tua divina Parusia.

Futura visão

Apresentam-me o livro da tua vida
Escrito por dentro e por fora:
Sou digno de romper os sete selos.
Logo na primeira página
Paro três anos em êxtase
Diante da tua fotografia.
A lua e o mar adormecem a meus pés.
Tudo o que evoco vai nascendo ao gritar o teu nome
Berenice! Berenice!
E choro muito
Porque não existe ninguém digno de te olhar.

Alguém me segura à beira do abismo,
Contém minha impaciência e me desarma o braço:
Deverei assistir ao que se descreve no livro.
Terás que parir fisicamente e espiritualmente na desgraça,
Beberás o cálice da injúria e das abominações,
Vestida de púrpura serás sentada no trono da solidão.

Eu devoro o livro, que amarga minhas entranhas.
GLORIFICAÍ-A! GLORIFICAÍ-A!
Esta é minha súplica de sempre.

O Princípio vem sobre as nuvens em fogo
E clama para mim e para todo o universo:
TUDO SERÁ PERDOADO AOS QUE AMARAM MUITO.

Poema condenado

Eu te respiro por todos os poros:
Mulher, estás em todos os lugares.
Prefiro me danar a um dia te perder de vista.
Teu vestido desdobrado esconde a Cruz.
Se este sortilégio acabasse eu me mataria.

Tua existência é a justificação do mundo:
Para que vale o sol
Senão para dar vida à matéria que te cerca,
Para que vale a lua
Senão para aumentar tua palidez,
Para que valem as flores
Senão para serem enfeitadas por ti,
Para que valho eu
Senão para permanecer teu poeta,
Para que vale o paraíso
Se não estiveres a meu lado?

Antiguidade

Quero voltar para o repouso sem fim,
Para o mundo de onde saí pelo pecado,
Onde não é mais preciso sol nem lua.
Quero voltar para a mulher comum
Que abriga a todos igualmente,
Que tem os olhos vendados e descansa nas águas eternas.

Quero voltar para o Princípio
Que nivela vida e morte, construção e destruição,
Diante do qual não existe lei nem marco.

Quero viver sem cor nem forma, peso ou cheiro,
Fora da alegria e da tristeza.

Eu sofro a terrível pressão do que existiu,
Do que não existiu e do que existirá.
Eu mesmo aperto os três círculos do inferno
Neste trabalho de escavação do universo
Pelo qual me aproximo das origens.

Começo

Uma vasta mão me sacudirá na manhã pura.
Talvez eu nasça naquele momento,
Eu que venho morrendo desde a criação do mundo,
Eu que trago fortíssimo comigo
O pecado de nossos primeiros pais.

O espaço e o tempo
Hão de se desfazer no vestido da Grande noiva branca.
Serei finalmente decifrado, o estrangeiro da vida
Descansará pela primeira vez no universo familiar.

O emigrante

A Henri Michaux

A nuvem andante acolhe o pássaro
Que saiu da estátua de pedra.
Sou aquela nuvem andante,
O pássaro e a estátua de pedra.
Recapitulei os fantasmas,
Corri de deserto em deserto,

Me expulsam da sombra do avião.
Tenho sede generosa,
Nenhuma fonte me basta.
Amigo! Irmão! Vou te levar
O trigo das terras do Egito,
Até o trigo que não tenho.
Egito! Egito! Amontoei
Para dar um dia a outrem:
Eis-me nu, vazio e pobre.
A sombra fértil de Deus
Não me larga um só instante.
Tirai-me o colar da febre:
Eu vos deixo minha sede,
Nada mais tenho de meu.

A janela

Ó altas constelações,
Nuvem prene de fantasmas,
Preguiçosa onda do mar,
Friíssima noite, lua!
Minhas irmãs elementares,
Tendes mãos, ouvidos, boca.
Murmurais doces cantigas
Que os homens decifrarão
No rodízio do universo,
Entre revoadas de anjos,
Quando soarem os clarins
Que despertarão os mortos
E a alma se reunir
Ao corpo que apodrecera.

Minha órfã

Porque não quis te olhar, ficaste cega.
Sei que esperas por mim
Desde o tempo em que usavas tranças e brincavas com arco.

Sei que esperas por mim,
Mas eu não quis te olhar
Porque me debrucei sobre o mito de outras,
Porque não me sabes dar, pobre amiga,
O sofrimento e a angústia que formam a catástrofe.

Roxelane, Roxelane:
Porque tens olhar morto e cabelos sem brilho,
Boca sem frescura e sem expressão,
Eu te desdenhei e não ouvi teu apelo,
Teu último apelo vindo da solidão e da infância remota.

Roxelane, Roxelane:
Tua tristeza recairá sobre mim, assumirei tua orfandade,
Conhecerás o gozo e verás desdobrar-se a esperança,
Enquanto eu recolherei para sempre
A tua, a minha e a miséria de outros,
Triste e apagada Roxelane, vitoriosa Roxelane.

Canção

Para o Oriente do amor
Meus sentidos aparelham.

Bandeiras azuis, vermelhas,
Cruzaram-se no horizonte.

De onde vem tal embriaguez,
Que aurora terei tomado?
Vem do fundo de mim mesmo,
Vem da minha alma correndo.

Minha amada na varanda
Arrulha, me faz sinais.
Vôo com abril nas mãos,
Para continuar o ciclo
De antiga revelação:
Aboli as dissonâncias,
O sentimento renasce
Como no início do mundo.

R.

Vens, toda fria do dilúvio, com dois peixes na mão.
És grande e flexível, na madrugada acesa pelos arcos voltaicos.
Tua posteridade danou-se e foi expulsa dos templos serenos
Onde atualmente só se ouvem
Cânticos de guerra e pregações do inferno.

Vens, toda fria do dilúvio,
Semear a discórdia nas choupanas e nos palácios.
Vens para minha maldição, para me indicar o abismo
Onde ficarei só e triste, sem pianos.

Jerusalém

Jerusalém, Jerusalém,
Quantas vezes tentei abrigar no coração
Todos os meus anseios para Deus,

Como a ave abriga a ninhada debaixo das asas:
E tu não quiseste, mundo,
Tu não quiseste, carne,
Tu não quiseste, demônio.

Jerusalém, Jerusalém,
Morro de sede à beira da fonte,
Morro de fome debaixo da mesa coberta de pães.

Em vez de sinos festivos
Ouço sirenes de aviões.
Em vez da santa eucaristia
Recebo granadas de mão.
Os mitos do mal desencadeados sobre mim
Me envolvem sem que eu possa respirar.

Jerusalém, Jerusalém,
Recolhe meu último sopro.

Idéia fortíssima

Uma idéia fortíssima entre todas menos uma
Habita meu cérebro noite e dia,
A idéia de uma mulher, mais densa que uma forma.
Idéia que me acompanha
De uma a outra lua,
De uma a outra caminhada, de uma a outra angústia,
Que me arranca do tempo e sobrevoa a história,
Que me separa de mim mesmo,
Que me corta em dois como o gládio divino.
Uma idéia que anula as paisagens exteriores,
Que me provoca terror e febre,

Que se antepõe à pirâmide de órfãos e miseráveis,
Uma idéia que verruma todos os poros do meu corpo
E só não se torna o grande cáustico
Porque é um alívio diante da idéia muito mais forte e violenta de
Deus.

Companheira

Companheira, dou-te as sombras que me acompanham,
Todas as sombras criadas pelos vivos.
Companheira, dou-te a alegria
Do que nada tem a esperar do esforço humano.
Dou-te a cantiga do asilado.
O suspiro do menino que olha em vão
O velocípede do menino vizinho.
Dou-te a nostalgia de quem soltou papagaio
Em épocas muito remotas.
Companheira,
Dou-te a tristeza do que nada achou na sua primeira comunhão.
Dou-te o desconsolo do que está sendo destruído
Pelos crimes que não cometeu,
Pelos crimes de outros em época distante.

Os amantes submarinos

Esta noite eu te encontro nas solidões de coral
Onde a força da vida nos trouxe pela mão.
No cume dos redondos lustres em concha
Uma dançarina se desfolha.
Os sonhos da tua infância
Desenrolam-se da boca das sereias.

A grande borboleta verde do fundo do mar
Que só nasce de mil em mil anos
Adeja em torno a ti para te servir,
Apresentando-te o espelho em que a água se mira,
E os finos peixes amarelos e azuis
Circulando nos teus cabelos
Trazem pronto o líquido para adormecer o escafandrista.
Mergulhamos sem pavor
Nestas fundas regiões onde dorme o veleiro,
À espera que o irreal não se levante em aurora
Sobre nossos corpos que retornam à água do paraíso.

Canto amigo

I

Eu te direi: poderás te libertar do peso da vida,
Poderás encontrar um amigo no fantasma que te habita,
Os homens poderão amordaçar os tiranos se quiserem se
transformar num só.

Eu te direi: da própria franqueza emerge a força,
E muitas vezes a renúncia é o esquema da vitória.
Se conhecesses o dom que vem do alto e que afastas!
Por que aumentas o terror que rodeia o teu lar,
Por que em vez dos retratos de poetas
Que prolongam no tempo a corrente do amor e da fraternidade
Suspendes na tua casa fotografias de couraçados e de fortalezas
volantes?

Por que acreditas no julgamento dos chefes transitórios do homem?
Por que recusas pão e brinquedo às crianças, dando-lhes granadas?
Que futuro preparas, homem amigo, para teus descendentes.

2

Ó meus irmãos, eu ando entre vós como o sobrevivente duma cidade
arrasada.

Ouvi os últimos acordes do meu canto de perdão e de ternura
Antes que os rádios extingam minha palavra com anúncios de
guerra.

Ó meus irmãos, eu sou o que não ri, o que não mistifica,
Eu sou o que vos deveria odiar e que vos ama,
Eu sou o que espera a vitória divina sobre as forças do mal
Que agem poderosamente dentro de mim e de vós.

A criação e o criador

O poema obscuro dorme na pedra:

“Levanta-te, toma essência, corpo.”

Imediatamente o poema corre na areia,
Sacode os pés onde já nascem asas,
Volta coberto com a espuma do oceano.

O poema entrando na cidade
É tentado e socorrido por um demônio,
Abraça-se ao busto de Altair,
Recebe contrastes do mundo inteiro,
Ouve a secreta sinfonia
Em combinação com o céu e os peixes.

E agora é ele quem me persegue
Ora branco, ora azul, ora negro,
É ele quem empunha o chicote

Até que o vento da noite
O faça voltar domado
Ao pó de onde proveio.

Quase segredo

A velocidade da luz
Me protege contra o enigma.

Mundo antigo,
(Árvore de campainhas,
Bola azul negra)
Já conheço teu alfabeto
E o que pretendes de mim.

Outrora eu tinha pés,
Caminhava sobre os pianos,
Às vezes até sobre a terra.

Fiz um buquê de mulheres,
Respiro ciúme traição:
Braços e pernas de uma
Estão no torso de outra.

Quem me conhece
Torna-se de repente visível.

A inicial

Os sons transportam o sino:

Abro a gaiola do céu,
Dei a vida àquela nuvem.

As águas me bebem.

As criações orgânicas
Que eu levantei do caos
Sobem comigo
Sem o suporte da máquina,
Deixam este exílio composto
De água, terra, fogo e ar.

A inicial da minha amada
Surge na blusa do vento.

Refiz pensamentos, galeras...
Enquanto a tarde pousava
O candelabro aos meus pés.

Duas mulheres

Duas mulheres na sombra
Decifram o alfabeto oculto,
Ouvem o contraste das ondas,
Falam com os deuses de pedra

Dançam a roda, murmuram,
Decifram o enigma das sombras,
Uma triste, outra morena,
Ambas são ágeis e esbeltas,
Vestem roupagens de nuvens,
Segredam amores eternos,
Tocam súbito a corneta
Para despertar os peixes.

Duas mulheres na sombra
Encarnando lua e árvore
Decifram o alfabeto oculto.

Poema presente

O céu púbere e profundo
Ajunta nuvens de fogo
À tendência dos homens, inquietante:
E um pensamento de guerra
Anula o que poderia vir
Da água, da rosa, da borboleta.

Vergéis tranqüilos
Disfarçam espadas.
Sombras pedindo corpos
Esperam desde o dilúvio
O sopro de um puro espírito.
Separam a luz da luz.

Poema estático

Vestir a couraça do céu
E caminhar vigilante
 Mesmo na música.

Ternura, doce rigor,
Alguém acende meu ombro.
Até o silêncio (cristal) pesa.

Confronto-me com o sexo e a sombra.

Formas esperam

Nossa cooperação
No campo fértil
Da funda morte,
Da vida envolvente
Sempre a crescer.

Poema da tarde

A tarde move-se entre os galhos de minhas mãos.
Uma estrela aparece no fim deste meu sangue,
Minha nuca recebeu o hálito fino de uma rosa branca.
Todas as formas servem-se mutuamente,
Um em pé, outras se ajoelhando, outras sentadas,
Regando o coração e a cabeça do homem:
E dentre os primeiros véus surge Maria da Saudade
Que, sem querer, canta.

Poema antecipado

Harpa de obuses,
Sempre um espírito guardião sopra
Para desenvolver o germe augusto
Que foi criado no princípio,
Para não explodir de febre
E dançar no fogo azul.

Terra e céu, jardins suspensos,
Em dia remoto serão refeitos.
O homem respira a Criação,
O corpo todo verá
(Antes de nascer eu já via).

A manhã

Ninguém sabe se a manhã
Traz promessa de prazer.

Anônimas sanfoninas
Alternam com sabiás.

Transformou-se o vento de ontem,
Agora sopra sereno.

Sai um homem para o trabalho,
Saem dois, saem três, saem mil
Pensando na volta.
Ontem não havia
Aquele roseira em pé,
E a carícia d'agora
Desapareceu no ar.

Os braços espantam
Os restos da noite.

A ceia sinistra

I

Sentamo-nos à mesa servida por um braço de mar.

Eis a hora propiciatória, augusta,
A hora de alimentar os fantasmas.
?Quem vem lá, montado num trator de cadáveres,

Com uma grande espada para plantar no peito da Rússia.
Outros estendem bandeiras de todos os países,
Fazem uma cortina de névoa que esconde o cavaleiro andante:
O homem morre sem ainda saber quem é.
A morte coletiva apodera-se da morte de cada um.
A terra chove suor e sangue,
As ondas mugem.

2

O tanque comanda o homem.
A alma oprimida soluça
Num ângulo do terror.
Alma antiqüíssima e nova,
?Tua melodia onde está.
O pássaro, a fonte, a flauta,
A estrela, o gado manso te esperam
Para os batizares de novo.

Sentados à mesa circular
Aguardamos o sopro do dia.

3

Os mortos perturbarão a festa inútil.
?Quem lhes trouxe ternura e presentes – em vida.
?Quem lhes inspirou pensamentos e amores castos – em vida.
?Quem lhes arrancava das mãos a espada e o fuzil – em vida.
Agora eles não precisam mais de carinho ou de flores.
Agora eles estão libertos, vivos,
Pisando calmos sobre nossas covas.

Abancados à vasta mesa circular
Comemos o que roubamos aos mortos conhecidos e anônimos.

Canção pesada

A negra pena
Comprime a alma,
A negra pena
Da massa viva
De dores cruéis,
Do amor que punge,
Da glória inútil,
Sutil serpente
Que morde o peito,
Que enrola o homem,
Constringe-o todo,
A negra pena
Que se alimenta
De sangue e fel,
Triste cuidado,
Lembrança amarga
Dos impossíveis,
A negra pena
Sem remissão,
Que, morto o homem,
Lhe sobrevive
Em novas formas,
Antiga pena,
Futura pena,
Eterna pena.

O espelho

Não surge mais a forma humana.
Nem o gesto de se vingar:

Não se enxerga mais, — se ouve!
Não se mira mais nem o morto
Na primeira comunhão,
Debruado de esplendor,
Ou na bicicleta do sol:

Mas se ouvem, claras, cristalinas,
Campainhas de cristal
Despertando a eternidade
Que recusa a forma humana
Cansada de grito e gesto;
Despertando a eternidade.

Tentação

Diante do crucifixo
Eu paro pálido tremendo:
“Já que és o verdadeiro filho de Deus
Despreza a humanidade desta cruz.”

As lavadeiras

As lavadeiras no tanque noturno
Não responderam ao canto da sibila.

“Lavamos os mortos,
Lavamos o tabuleiro das idéias antigas

E os balaústres para repouso do mar...
Quem nos desviará do nosso canto obscuro?
Nele encontramos restos de galeras,
Nele descobrimos o augusto pudor do vento,
O balanço do corpo do pirata com argolas,
Nele promovemos a sede do povo
E excitamos a nossa própria sede...”

As lavadeiras no tanque branco
Lavam o espectro da guerra.
Os braços das lavadeiras
No abismo noturno
Vão e vêm.

Choques

O choque de teus pensamentos furiosos
Com a inércia da boca e dos braços de outros.
O choque dos cerimoniais antigos
Com a velocidade dos aviões de bombardeio.
O choque da foíce contra o cristal dos milionários.
O choque das roseiras emigrantes
Com o silêncio das linhas retas nas janelas.

A tempestade calcula um choque de distâncias
Com o lúcido farol e seus presságios.
Chocam-se as águias arredando a noite
Com o armário que, inalterável, ruma.
Um ouvido resistente poderia perceber
O choque do tempo contra o altar da eternidade.
Choca-se a enorme multidão sacrificada

Com o ditador sentado na metralhadora.
Choca-se a guilhotina erguida pelo erro dos séculos
Com a pomba mirando a liberdade do horizonte.

Homenagem a Raimundo Lúlio

I

A inocência perguntou à crueldade:
Por que me persegues?
A crueldade respondeu-lhe:
– E tu, por que te opões a mim?

II

A aveia do camponês
Queixou-se do cavalo do ditador,
Então o cavalo forte
Queixou-se das esporas do ditador.

III

O pensamento encontrou-se com a eternidade
E perguntou-lhe: de onde vens?
– Se eu soubesse não seria eterna.
– Para onde vais?
– Volto para de onde venho.

Então a monarquia do corpo obumbrou-se ainda mais
E a morte inclinou seu estandarte.

O túnel do século

I

Sob o céu de temor e zinco
Os prisioneiros caminham, tambores velados:
A manopla da noite pesa
Sobre suas omoplatas, seus sonhos comunicantes.

As Erínias, segadoras antiquíssimas do povo, tambores velados.
Caminham, passo a passo,
Apresentando armas de ódio, punhos implacáveis.
Toda a carne se oferece ao espanto desnudo,
Os castelos de pedra vão se desfazendo
À medida que os heróis agitam a bengala blindada.
As Erínias reproduzem-se durante a noite,
E pela manhã encontramos aberta
A rosa dos ventres.

II

Sob o céu de temor e tremor
A estátua da infância é flechada
Pelos descendentes dos ídolos subterrâneos
Que consagram a espada dançante.
Amaldiçoam o pão e o vinho,
Rasgando o caderno de roseiras
– Alfabeto dos pobres migratórios.

Cegos digladiando-se num túnel,
Constroem as próprias sepulturas.

Sob o céu de temor e tremor
Os homens clandestinos, tambores velados, caminham.

Motivos de Ouro Preto

A Ruben Navarra

I

Assombrações que sobem do barroco,
Das ladeiras e dos crucifixos esqueléticos,
Frias portadas de pedra, anjos torcidos,
Passantes conduzindo aos ombros o passado,
Cemitérios aéreos de adros largos
Onde noturnos seresteiros cantam,
Seguindo-se de violas e violões,
Aos defuntos colados nas gavetas:

A experiência de sombras trasladadas
De procissões civis, eclesiásticas,
Dum antigo túnel de conspiração;
A água escapando pelos chafarizes,
As cicatrizes que o minério abriu;
Tantos Passos fechados o ano inteiro,
Ruínas de solares e sobrados
Onde pairam espectros de poetas,
De padres doidos, de reformadores;
Algarismos gravados nas carrancas
A presença do tempo traduzindo,
O silêncio ao silêncio se juntando
Nesses becos e vielas embuçados;
A reunião de natureza e arte
Por um gênio severo combinadas,
O espírito levando à sua origem
Despojado de efêmeros enfeites,

A pátina paciente de Ouro Preto
Sobre aparências estendendo um véu:
Tudo aparelha a mente para a morte,
Mas a morte em si mesma, a própria morte,
Privada de artifício, a morte chã.

E contra a dispersão das ossadas no tempo,
Que o amor à forma e a Promessa rejeitam,
Da pedra o testemunho antigo se levanta,
Poder do Itacolomi – e o da Pedra perene.

2

O canto alternativo das igrejas
Nos leves sinos da levitação
Cruzando-se em cerrado contraponto,
São Francisco de Assis adverte ao Carmo,
São Francisco de Paula à matriz do Pilar.

Devolve o ar ao ouvido o som das campainhas
Dessas humildes mulas pensativas
Que parecem voltar da Palestina.
E esses pianos dir-se-iam pianolas
Tangendo sons remotos, subterrâneos,
Restos de roídas polcas e mazurcas...
Pianos inconfidentes.
Cindem o ar seco, poroso,
Pancadas pacientes de relógio.
Esse vago clarim nos longes do quartel
Atende ao ido apelo de outro tempo:
Erra insatisfeita nos ares
A alma trágica do alferes Joaquim José da Silva Xavier.
Os amigos chamou, e o eco respondeu...

3

A Viúva de Ouro Preto sobe a rua cantando,
Apoiada ao bastão, na cabeça um penacho
De três cores, vestido velho e desbotado
Cuja invisível cauda arrasta com desdém.
A Viúva de Ouro Preto fala em frases cifradas,
Pesa em partes iguais o mito e a realidade,
O passado e o presente, a alegria e a tristeza,
Declara que decide a guerra no estrangeiro,
Rico e pobre entretém com igual polidez.
A trama da sua vida é feita de fantasmas
Que só se extinguirão no seu último dia:
A Viúva de Ouro Preto é de grande família
Que possuiu fazenda, escravos e palácios,
Privou com a Imperatriz, refinou-se na Europa.
Serviu banquetes em baixelas persas,
Depois tudo perdeu, os membros dispersou,
Resta Dona Adelaide Mosqueira de Meneses,
Vítima da jogatina, a Viúva de Ouro Preto
Que vive numa toca de espectros rodeada,
Que ainda tem uma pedra onde apóia a cabeça...
A Viúva de Ouro Preto desce a rua rezando.

4

Ouro Preto se inclina com elegância,
Ouro Preto se inclina, e um dia cairá.
Nova técnica transfigura a terra,
Mas os futuros engenheiros e arquitetos
Não mudarão o corpo de Ouro Preto
Que ainda se preserva da reforma
Por sua mesma pobreza e solidão.

Ouro Preto para o futuro um dia se voltara,
Gerando no seu bojo a nova tradição...
Acelerando a história, a vida deslocou.
Mas a lenda combate aqui a história:
Seus espectros e igrejas permanecem
Pelo ciúme da morte resguardados.

Aqui o próprio Cristo, o rei da vida,
Que se diz Deus dos vivos, não dos mortos,
Aqui o mestre da ressurreição
É contemplado apenas em sua morte:
Parece que em sua imensa humanidade
Aos espectros o Cristo se aparelha,
O seu ar familiar logo assumindo,
Abancado no largo das igrejas
Com os amigos, extrema assombração...
Aguardando seu próprio julgamento,
Sua caridade a todos estendendo,
Mesmo a Joaquim Silvério dá o pão.

5

Repousemos na pedra de Ouro Preto,
Repousemos no centro de Ouro Preto:
São Francisco de Assis! Igreja ilustre, acolhe,
À tua sombra irmã, meus membros lassos.
Confrontamos aqui toda a miséria,
Da matéria o desgaste deduzindo
Em nossa vida universal e pessoal.
Ó rude tempo de aniquilamento,
Ó rude tempo de desproporção!
Nem nos transforma a companhia do Anjo

Que estendido no teto desta igreja,
Rumando para a terra, em vôo certo
Despede ao chão a lâmpada de prata!
Entretanto ele é belo! Dançarino
Do sopro da saúde modelado,
Asas de larga envergadura tem,
E seus panejamentos apresenta
Com delicada graça, mas viril.
Respira o rosto, máquina rosada,
Um mesmo movimento aparelhando
A boca, os olhos diurnos e o nariz;
Carnal vivência o busto manifesta,
Os cabelos castanhos esparzidos
Numa desordenada simetria
O ritmo ajudam da composição;
Os pés calçados de sandálias gregas
Formam sólida base ao corpo inteiro.
Mas não se vale apenas de suas asas:
Os braços desenvoltos deslocando
O espaço em torno, rápido, oferecem
Flores, frutos da terra ao povo fiel.
Seus ornamentos sóbrios sintetizam
Do barroco mineiro a austera força.
Assim o esculpiu na tradução humana
O escopro genial do Aleijadinho.
Mas de que serve o gratuidade do Anjo,
Que pode o Anjo ante a angustura do homem
E a força da caveira desarmada
Que elevada se vê no tapa-vento?
Que pode o Anjo ante a manopla imóvel,
Ante a pátina da morte em Ouro Preto?
Kyrie eleison. Memento mori. Kyrie eleison.

Romance de Ouro Preto

A Manuel Bandeira

Na luz difusa
Que funde os planos,
Vai nas colinas,
Vai nas igrejas,
Vai nas lonjuras
Se refratando,
Na luz difusa
Da manhã fria
Nasce Ouro Preto
Congeminando.
Nasce inda agora
Dos astros frios,
Estremunhada
Descerra as portas
De pedra frias,
Desata a bruma
Dos dedos brancos,
Levanta cruzes
No ar macio,
Turva da noite,
Tonta de espectros,
Doida de sono,
Mira-se ao espelho
Lavado, oval,
Da solidão.
Um gênio fluido
No ar poroso

Se balançando
Despede a lua.
Desdobra templos
Na luz redonda.
Lava ladeiras,
Lava os lavabos
Das sacristias,
Recobre as casas
De branco e anil,
Tira o capuz
Do Itacolomi;
Extinto o ouro,
Pequena indústria
Faz funcionar
– Chá, pinga e mel –,
Apruma os pobres
Do álgido Asilo,
Espanta as moscas
Que do leproso
Toldam a visão,
Governa o reide
Circunvolante
Dos urubus.
No jardim único
Do Carmo ao lado
Balança plumas
De árvores densas,
Apara arbustos,
Desfolha dalias,

Agrupa os goivos,
Cruza coroas
De crisandálias;
A água limosa
Dos chafarizes
Rápido ordenha,
Desmama riachos,
Sutura as torres
Na cerração,
Dá corda aos sinos,
Rói paramentos,
Rói estandartes,
Move estudantes
Até o Palácio
Onde assistia
O Governador
– Máquina cinza
De corpo espesso
No alto da Praça
Bem assentada,
Soturno espelho
Do grão poder;
Sobe ao Museu
Que, adrede armado,
Graves destroços
Da antiga Minas
Prenhe, barroca
– Dura escultura –,
Torsos de Minas
Dependurados,
Restos roídos

De Inconfidentes
Na cal propícia
Recolocados,
Sombras vencidas,
Sombras severas,
Estranho espólio,
Solene expõe;
Álulas frágeis
De anjos feridos
Dos frontispícios
Pronto refaz;
As malas tange
Que dos distritos
Descem ao mercado
Campainhando,
Pule os minérios,
Monda as arestas
Dos monumentos
Azul e rosa,
Branco e cinzento;
Lumeia os círios
Lá no Pilar,
Renova a missa
No altar barroco,
Propende o Cristo,
Suscita a sombra,
Suspende o sol.

Ó Vila Rica,
Trânsito é o teu
Tão sossegado!

Nossa Senhora,
Nosso Senhor,
De pés descalços,
De braços dados,
Tristes, felizes,
Tristes, calados,
Pelas ladeiras
Recuando a morte,
Pelas calçadas,
De dia, de noite
Correndo vão.
Ó tu, musical
Terra não és,
Curva Ouro Preto,
Plástica sim!
Díssonos pianos
Deslocam o eco
Mas os teus sinos
Das tuas manhãs:
– Enoch e Elias,
Ivo e Luquézio,
Roque e Raquel –
Sobem do Carmo,
De São Francisco.
Sonoros sagram,
Bentos batizam
Tua atmosfera
Com igual fervor,
Dobram com força
Por todos nós,
Das ruínas do ar

Levando aos Três
– Ventos de amor –
Novas novenas
E ladainhas,
Teus *Kyrie eleison*
Santos amém.

Tu, Vila Rica
De forte exemplo,
Ei, Ouro Preto!
O ouro leproso,
Amaldiçoado,
Da luz do inferno,
Do mal do inferno
Contaminado,
Te desgraçou.
Que havias feito
Pra te mandarem
Praga tamanha,
Virgem do céu?...
Tu, Vila Rica
Do ouro gerada,
Desde teu berço
Ouro mamando,
Desde menina.
Já castigada
– Forrada de ouro,
Fecunda um tempo,
Logo faminta,
Depressa estéril –,
Estrela obnóxica

Vinda de Oblívio,
Luz de presságios
Na cauda de ouro
Morna arrastando,
Ai! te obumbrou.

Maior na morte
Que no esplendor,
Espectro enxuto
De olho de pedra
Que absurdo adoro
Tanto que aguardo,
Roxo, tremendo,
Últimos fins,
Tuas colunas
Tão inspiradas,
Curvas e rampas
Ao pensamento
Rude inclinando,
Nobres portadas,
Pátina cinza,
Muros de canga
E anjos ambíguos,
Anjos oblíquos,
Anjos oblongos,
Torres torcidas,
Torres chuvosas,
Olho-de-boi
Lentos absorvem
Tua agonia
Logo cercada
De fogos-fátuos,

Almas penadas
Com véus de viúvas
Que pelas vielas
E pelas pontes
Sutis deslisam
E entre ais e uivos
Perdidos vão:
Triste Ouro Preto
A quem a cinza,
O tempo e o mito
Servem de pão.

Mortos teus dentes,
Teu ouro extinto
– Virou esterco –,
Abandonados
Os teus pendões,
Podres os bosques
Das sesmarias,
Paços queimados
(Nos mornos morros
Correm manadas
De assombrações),
Mantos roídos,
Trompas sem boca
Que te acordavam,
Prismas partidos,
Morta a euforia,
Toda a ambição:
Vive tua plástica
Na forma estática.

Só para a morte
Guardaste a luz,
Tu, Ouro Preto,
Dama de pedra,
Demente lúcida
– Dobras a morte
Com teu palor –,
Tu, Ouro Preto,
Que outrora foste
E agora inda és.

De qualquer ângulo
Tu sempre és bela!
De qualquer ângulo
Ao olho amante
Sempre és igual.
Perto, distante,
Quer vista sejam
Na luz redonda,
No prisma azul,
Na trovoada,
Na refração,
À chuva espessa,
Ao sol friorento,
Ao sol violento,
Ao luar das Lages,
Na cerração,
Vista de frente,
Vista dos fundos,
Lá das Cabeças,
Lá do Rosário,

Do Grande Hotel,
Do Alto da Cruz
Que Chico Rei
Dançando o congo
Fez levantar,
Glória a Jesus;
De São Francisco de Paula
A massa branca, maciça,
Sempre de frente,
De qualquer ponto
Se mostra à luz.
Bela Ouro Preto
Vinda do caos,
Tua unidade
– Tácito acordo
Entre homem e Deus –
No entrosamento
De forma e fundo
– Subido exemplo –
Com teu engenho
Se resolveu.

Vi quantas belas
Adormecidas
Nessas varandas
Desguarnecidas,
Pelo nevoeiro
Logo veladas:
Vaga Marília,
Doce Ifigênia
– Zéfiro brando –

Que do Brasil
Foste noivada,
Nise saudosa,
Glaura de seda,
Bárbara mísera
Do norte estrela
Que teu destino
Mal sabes guiar,
Clara Constança
De negras tranças
Breve roídas
Na escuridão...
Musas oclusas,
Tristes, heróicas,
Tontas, alegres,
Santas, vadias,
Musas obscuras
De igual valor,
Quantas Marias
Trabalhadeiras,
Requebradeiras,
Doidas de amor,
Belas doceiras,
Ó costureiras,
Ó lavadeiras,
Corpos em flor
Que a minha lira
– Pulsa, suspira –
Do tempo caído
Quer suscitar,
Finos fantasmas

Que a névoa filtra,
Adormecidos
Nas lájeas frias,
Em balcões frios,
Finos fantasmas
Frios da noite,
Frescos do orvalho,
Brancos da morte,
Puros do luar...

Nas tuas naves
Limpas, lavadas,
Qual céu de Minas
Após trovoada,
Nas tuas naves
Claras, azuis,
Abrindo os braços,
Fechando os olhos,
Cinzas tomei,
Bíblico eu fui.
Nas tuas lájeas
Verde-cinzentas,
Desconsolado
Moendo o mundo,
Roucos soluços
Triste abafando,
Me prosternei;
Dos teus santeiros
Tortos, anônimos,
Nos oratórios
O gênio rústico,

Crispado, áspero,
Interpretei;
E ante os teus santos
Ósseos, cavados,
Escalavrados,
Desencarnados
Pela oração,
Que pedem graças
Do alto do nicho
Em vez de as dar
– Miseros são –,
Fiz a exegese,
Dei o balanço
Da nossa lepra,
Nossa paixão.

Do Aleijadinho
– Pernas de pedra,
Tronco de igreja,
Testa de morro
Da Minas bíblica
Que a Santa Bárbara,
Grã domadora
Da trovoadas,
Se consagrou,
Do Aleijadinho,
Macho escapado
Ao próprio escopro,
– Sua obra inteira
É auto-retrato
De corpo inteiro

Revelador –,
Do Aleijadinho
Severo ancestre
Mal-encarado,
Encapuzado
No seu furor,
Alma barroca,
Fundos refolhos
De obscura raiva
Guardando em si,
Na dura entranha
De penha humana
Com fortes peitos
Gerado à luz,
Do Aleijadinho
Sóbria lição
– Suma piedade
Rígida, austera,
Na bruta Bíblia
Cedo assentada,
De um mundo novo
Mantido em pedra
Consolidada
Na criação,
Do Aleijadinho
Força ferosa,
Grã-liberdade
Na disciplina
Do Antigo amor
Movendo os dedos,
Movendo o engenho

Com seu vigor,
Força madura,
Fundamental,
Que à alma imprime
Imperecível,
Sempre impassível,
Grave postura,
Nobre feição,
Do Aleijadinho
– Simplicidade
Dentro do excesso,
Transbordamento
Não sem rigor,
Conselho altivo
Que vence a morte,
Nutrido a sangue,
Na chaga inscrito,
Rasgado a escopro
– Transverte a dor –,
Do Aleijadinho
Que transfixado
No seu grabato,
Contempla o Cristo
Com febre e amor,
Do Aleijadinho
Sopro do eterno
Rolando em Minas,
Gravado em pedra,
No pau esculpido,
Firme palpei.

Tuas velhinhas

Mal-assombradas
Quase que amei,
Teus seresteiros
Ao luar propício
Perambulando,
Cismando ouvi
– Cantam Dalilas,
Dizem de dalias,
Bordam perpétuas,
Choram saudades,
Longos degredos,
Penas de amor;
E de teus bêbedos
De noite e dia
A lengalenga,
Ladeira abaixo,
Ladeira acima,
Ainda ajudei;
E de tuas bruxas,
Teus monsenhores,
Teus sacristães,
Lendas, parlendas
Mole girando,
Reconstituindo
Tempos soberbos,
Quentes distúrbios
Nos arraiais,
Alumbramentos
Do ouro gerados,
Superstições,
Cruzar de espadas,
Punhos suspensos,

Membros candentes,
Conspirações
Cedo morrendo,
– Vem, liberdade,
Ainda que tarde –,
Uivos de dor,
Poetas tangidos
Para o degredo,
Secos de amor;
Do Tiradentes
Rubra cabeça
Logo tornada
Constelação,
Ó Excelências,
Ó Reverências,
Bailes, fanfarras,
Clarões, clarins,
Ó luminárias,
Ó Iumaréus,
Bruscos archotes
Queimando o céu,
Ó procissões
Pagãs, festivas,
Entrelaçando
Virgens e Vênus,
Paulo e Plutão,
Ó serenatas,
Ó cavalhadas,
Ricos senhores
Em coches de ouro
Vindos de longe,

Lá do Tijuco,
De Gongo Soco,
Cavalos épicos
Se esperdiçando,
Longos delírios,
Damas possessas,
Descabeladas,
Girogirando
Pelas estradas,
Lançando fábulas
Filhas do ouro,
De áureo clarão;
E ouro rodando
Pelas calçadas,
Nas capistranas,
Templos crescendo
Com ouro e fé,
Negras escravas
Bamboleando,
Cobrindo as testas
Com ouro em pó:
Tudo isto agora
Quero evocar.
Tempo danado
De assombração,
És filho do ouro
Com a maldição.
Tu, Vila Rica,
Auto-espantallo
Que nada assusta,
O próprio Cão

Montando a Morte
Quer te assombrar,
Que tu refugas
No ventre fundo
Dos teus minérios,
Lá nas profundas
Da noite oclusa,
Cruz-credo, amém.

Na luz difusa
Que se arredonda
E se refrata
Nos planos frios,
Três sinos sobem
Lentas ladeiras,
Dobram a defunto,
Declina o dia.
Deus nos assista
Com sua alegria,
Deus nos liberte,
Ave, Maria.
Musa, te rogo,
Despede o manto,
Grossa estamenha
Pronto reveste,
Ouve em silêncio
Desta cantiga
Desconjuntada
O som final:
Nobre Ouro Preto
Talhada a escopro,

Gele-me o corpo
Se te esquecer,
Seque-me a língua
Se te maldar;
Nesta retina
Cedo alumbrada,
Desconsolada,
Tua luz difusa
No amor filtrada
Quero guardar
– Imagem de outra
Mais alta luz –;
Roupas não rasgo
– Tradição morta,
Disse Jesus –
Mas breve rasgo
– Rito profundo,
Viva oração –
Diante do altar
Que aos Três consagra
Nossa oblação,
A Cruz mirando
Que altera o mundo,
Sagrado lenho,
De Deus dossel,
Mas breve rasgo
Depois de aberto,
De escarpado,
Contrito, amargo,
Descompassado,
Mina de males

Que não se extingue,
Tosca oferenda
Que a luz severa
Dos teus santeiros
Inconformados
Reflete inteira
Nesta angustura,
Mas breve rasgo
Meu coração.

Poema pessoal

Levanto-me da carruagem de paixões e plumas
Aparentemente guiada pelas irmãs Brontë.

Deu uma tristeza agora nos telhados...

As cigarras sublinham a tarde emparedada,
O trovão fechou o piano.
Surge antecipadamente o arco-íris,
Aliança temporária de Deus com o homem,
Sem a solidez da eucaristia:
Surge sobre encarcerados, órfãos, marginais,
Sobre os tristes e os sem-solução.

Dos quatro cantos de mim mesmo
Irrompe um Dedo terribilíssimo que me acusa
Porque sem os olhar deixo de lado
Os restos agonizantes do mundo.

Transformou-se agora o céu.
Céu patinado, que escureza.

Céu sempre futuro e amargo,
Como são fundamentais
Estes sofrimentos de segundo plano!

Mais o quê mesmo lembrar?
Ah sim – esta arrastada caranguejola da vida...

O quarto da infância

Quem canta? Ninguém mais canta.
Seria preciso cantar para o morto na sua cova,
Para o vivo na sua cova. Seria preciso estender
Braçadas de canções ao órfão espiritual.
E até mesmo as estrelas pedem consolo,
Todos pedem consolo.
Quantos olhos desabitados,
Antigas ruínas que nenhum peregrino visita;
Quantas mãos cobertas de hera
Antecipando a paz definitiva.
Quanto seio que não foi acariciado,
Quantos pés caminhando sem consciência
Da passagem de um Deus pelos mesmos caminhos.

Trocamos o que não se pode trocar,
Abandonamos o reflexo do fogo,
O eco de uma perdida gavota
E o gesto de nós meninos no espelho do soalho.
Trocamos a vela do barco solitário
E a inscrição na pedra de madressilvas
Pela moeda concreta do demônio,
Pelo demônio mesmo.

A peregrinação

Investe-me o pavor do tempo restituído
À noite antes do Senhor, à cólera fria,
Ao desespero que contorna a cruz.

Minha alma cai do cavalo, parte de novo a galope,
Mas na curva do caminho enfrento os espantalhos
Do passado, do provisório e do futuro
– relâmpagos embuçados no horizonte. –
Em Antioquia, em Bizâncio e Ouro Preto me achei,
Levado pelo passo de animais familiares
Com asas e olhos plantados ao redor do corpo.
Volto as costas ao cemitério dos antepassados,
E, palpando a trilha vermelha de Pentecostes,
Bato furiosamente à porta de Simão Pedro
Que prometeu me ressuscitar dos mortos,
E que um dia havemos de julgar os anjos.
Assimilo sem cerimônia o próprio Criador
Escondido sob o fantasma do pão e do vinho.
Desde antes do começo da era atômica
Espero sem paciência o fim do mundo
Em novas formas de ressurreição.
Acaba logo, ó mundo; ó Cristo, vem depressa.

Pássaros noturnos

Pássaros noturnos:
Ao longe balançam o canto obscuro
Pois nas grutas profundas se encolheram

E nos maciços de árvores.
Pela noite seu canto oblíquo
Na soledade do silêncio
Configura-os a bichos desconhecidos,
São provisoriamente outros bichos
Nascidos sem lei nem forma
Do intocado abismo e da folhagem.
Pássaros fantasmas,
Pássaros noturnos
Anunciadores de uma vida livre
Cujo segredo ao nosso ouvido escapa,
Uma vida de ignota relação.

Indicação

Sim: o abismo oval atrai meus pés.
Leopardo familiar, a manhã se aproxima.
Preciso conhecer em que universo estou
E a que translações de estrelas me destinam.
Em três épocas me observo sustentado:
Na pré-história, no presente e no futuro.
Trago sempre comigo uma morte de bolso.
Assalta-me continuamente o novo enigma
E uma audácia imprevista me pressinto.
Arrasto minha cruz aos solavancos,
Tal profunda mulher amada e odiada,
Sabendo que ela condiciona minha forma:
E o tempo do demônio me respira.
Gentilíssima dama eternidade

Escondida nas raízes do meu ser,
Campo de concentração onde se dança,
Beatitude cortada de fuzilamentos...
Retiram-me o véu que sei de mim.
Ontem sou, hoje serei, amanhã fui.

